

SPACE INVADERS



SPACE INVADERS

NONA FERNÁNDEZ

*Tradução de
Silvia Massimini Felix*





A *Estrella González J.*

Estou preso a este sonho:
sei que é apenas um sonho,
mas não posso escapar dele.

Georges Perec, *La boutique obscure*

Primeira Vida

I

Santiago do Chile. Ano de 1980. Num pequeno colégio da avenida Matta, uma menina de dez anos entra de mãos dadas com o pai. Leva uma mochila de couro pendurada no ombro, e o cadarço do sapato de seu pé direito está desamarrado. Lá fora, na rua, ainda há vestígios de uma comemoração que deixou alguns panfletos, garrafas vazias e lixo espalhado pela calçada. A nova Constituição proposta pela Junta Militar foi aprovada por uma ampla maioria. O zelador varre a sujeira da entrada do colégio enquanto observa o pai da menina. O homem tira a boina de oficial para se despedir da filha. Dá um beijo em sua bochecha e lhe diz algumas palavras no ouvido. A menina sorri e depois avança pelo corredor com seu cadarço desamarrado, que se arrasta pelas lajotas do piso. Ela se ajoelha diante da estátua de Nossa Senhora do Carmo e beija seu polegar.



II

Às vezes sonhamos com ela. De nossos colchões espalhados por Puente Alto, La Florida, Estación Central ou San Miguel, nos lençóis sujos que delimitam nossa localização atual, refugiados nos cetros que sustentam nossos corpos cansados que trabalham sem parar; de noite, e às vezes até de dia, sonhamos com ela. Os sonhos são variados, como variadas são nossas cabeças, e variadas são nossas lembranças, e variados somos e variados crescemos. De nossa onírica variedade, podemos concordar que, a seu próprio modo, cada um a vê como se lembra dela. Acosta diz que em seu sonho ela aparece criança, tal como a conhecemos, de uniforme escolar, com o cabelo penteado em duas tranças compridas. Zúñiga diz que não, que ela nunca usou tranças, que ela aparece, para ele, com uma cabeleira preta e grossa que lhe emoldura o rosto, cabeleira que apenas ele recorda, porque Bustamante tem outra imagem, e Maldonado outra, e Riquelme outra, e Donoso outra, e todas e cada uma delas são diferentes. Os penteados e as cores variam, as feições nunca são enfocadas com nitidez, as formas se esfumaçam, e não há jeito de entrar num acordo porque nos sonhos, do mesmo modo que nas lembranças, não pode nem deve haver consenso possível.

Fuenzalida sonha com a primeira vez que a viu. Quando acorda, não se lembra muito bem de como era seu penteado, portanto não entra nessa discussão com o resto do grupo, porque, para Fuenzalida, o importante nos sonhos são as vozes, não os penteados. Fuenzalida sonha com muitas vozes infantis cochichando na sala de aula do quinto ano e com o professor da matéria fazendo a chamada. Acosta, presente. Bustamante, presente. A voz de cada uma das crianças vai respondendo com o tom exato, tal como era, porque, embora as vozes se diluam com o tempo, os sonhos sabem ressuscitá-las. Donoso, presente. Fuenzalida, presente. E então a vez dela, seu nome pronunciado sob o bigode preto do professor. González, escuta-se na sala, e de uma carteira solitária da última fila, a aluna nova, ou talvez nem tão nova, responde presente. É ela. Não importa como estão seus cabelos, sua cor de pele ou seus olhos. Tudo é relativo, menos o som de sua voz, pois quando se trata de sonhos, segundo Fuenzalida, a voz é como uma impressão digital. A voz de González se arrasta para dentro de nós vinda do sonho de Fuenzalida e invade nossas próprias imagens, nossas próprias versões de González, e aí se instala e permanece para nos acompanhar noite após noite. Em certas noites, ela visita o travesseiro de Acosta; em outras, o colchão de Maldonado; em outras, os lençóis esfarrapados de Donoso. E assim o percurso noturno é uma lista de chamada circular que nunca termina, uma inspeção eterna que não nos

deixa dormir tranquilos. Passaram-se anos. Muitos anos. Nossos colchões, da mesma forma que nossas vidas, se espalharam pela cidade até nos desconectar uns dos outros. O que aconteceu com cada um de nós? É uma incógnita que pouco importa resolver. A distância, compartilhamos sonhos. Pelo menos um sonho, bordado com linha branca na lapela de um avental xadrez: Estrella González.



III

Fomos ordenados um atrás do outro numa longa fila no meio do pátio do colégio. Ao nosso lado, outra longa fila, e depois outra, e mais outra. Formamos um quadrado perfeito, uma espécie de tabuleiro. Somos as peças de um jogo, mas não sabemos qual. Tomamos distância, apoiamos o braço direito no ombro do colega da frente para demarcar o espaço justo entre cada um de nós. Nosso uniforme bem alinhado. O último botão da camisa abotoado, o nó da gravata perfeito, o avental escuro abaixo dos joelhos, as meias azuis acima, as calças perfeitamente passadas, o emblema do colégio costurado no peito, na altura correta, sem linhas penduradas, os sapatos recém-engraxados. Mostrar as unhas polidas, as mãos sem anéis, a cara limpa, o cabelo domesticado. Cantar o Hino Nacional todas as segundas-feiras na hora da entrada, entoá-lo do jeito de cada um, com vozes agudas e desafinadas, vozes estridentes que saem um pouco do tom, nossas vozes repetindo entusiasmadas o estribilho, enquanto lá na frente um de nós hasteia a bandeira chilena e outro a sustenta nos braços. A estrelinha de algodão branco subindo e subindo e subindo até alcançar o céu. A bandeira finalmente acima da haste, tremulando sobre nossa cabeça, ao compasso de nossa voz, e todos nós olhando para ela protegidos por sua sombra escura.



IV

Maldonado sonha com cartas. São cartas antigas escritas com a caligrafia de uma menina de dez anos. Cartas que González e ela enviavam uma à outra pelo correio, como se não tivessem se visto na sala de aula todos os dias, como se estivessem tão distantes como estão agora. Maldonado diz que a ortografia de González não é boa, mas que ela desenha as letras com capricho, com disciplina. Ela parece outra nas cartas, não a menina calada e tímida da última fileira da classe. Os sonhos de Maldonado são a leitura de cada uma dessas cartas. Sonhos que se armam de palavras, que se articulam com base em letras e frases. Remetentes escritos com uma caligrafia azul, e endereços e assinaturas e saudações cordiais, e se despede atenciosamente, e a cumprimenta com carinho, e espero sua resposta, e não deixe de me escrever, amigas para sempre, não me esqueça, por favor.

Fuenzalida diz que cada um sonha como pode. Que enquanto ela escuta vozes e outros só veem imagens, Maldonado tem todo o direito de que seus sonhos sejam construídos de palavras. Cada tijolo é um verbo, um artigo, um adjetivo, e assim a construção cresce, levanta escadas e se transforma num túnel alto que pode comunicar o céu com o inferno. Maldonado sonha palavras azuis escritas pela mão

de uma menina. A palavra que mais se repete é seu nome. Está escrito no remetente e na assinatura de cada carta. Junto a ele, o desenho de uma estrela pintada com tinta, como uma espécie de marca pessoal, como um emblema caído de alguma bandeira.

Olá, querida Amiga! Como você está, e sua família? Espero que bem; já eu, fiquei um pouquinho resfriada e com alguns problemas. Lembra daquela carta que você me mandou? Eu ainda não respondi, mas tenho que responder porque, se não respondesse, eu não seria uma boa amiga, e acho que nós somos sim boas amigas, embora às vezes na classe você não me dê bola. Eu sei que posso contar com você. Você não sabe quantas coisas eu tenho pra te falar. Coisas secretas que só você pode saber, coisas que não posso contar pra mais ninguém, coisas que eu nem falei, escrevi ou pensei. Muitas coisas. Coisas que não estão relacionadas com o Zúñiga ou com as pessoas me enchendo por causa dele, eu não gosto disso. São outras coisas, coisas mais importantes e secretas que eu tenho que te contar. Mas essa folha é tão pequenininha e eu tenho a letra tão grande, tão gorda. Meu pai diz que eu tenho que diminuir um pouco a letra e alinhar ela, mas não é muito fácil diminuir e alinhar porque as linhas são fraquinhas e quase não dá pra ver. Se eu ouvisse o que meu pai diz, agora podia te contar mais, mas como não consigo diminuir a letra nem alinhar ela nas linhas fraquinhas agora tenho que diminuir minhas palavras. Eu devia tentar obedecer o papai.

Ele merece isto, que eu obedeça ele. Agora ele está no Hospital de Carabineiros. Você sabia que aconteceu um acidente no trabalho do papai? Ninguém no colégio sabe. Ele fez um monte de operações. Por isso eu devia tentar escrever mais pequenininho, como ele me diz. A mamãe também está de cama, mas aqui em casa. É que ela está esperando um irmãozinho novo, mas não é uma gravidez como as outras. Você sabia que meu irmãozinho Rodrigo morreu no ano passado? E olhe que a gente tinha só um ano de diferença, ou seja, quando eu completasse onze anos ele ia fazer dez. Por isso a mamãe, o papai e eu queremos tanto ter um irmãozinho novo. Eu acho que ele vai ser um pouco meu filho também. Você quer ter filhos? Eu, quando for grande, quero ter muitos. Vou ser mãe de vários filhos e com nenhum deles vai acontecer o que aconteceu com meu irmãozinho Rodrigo. Confio na Virgem que vai ser assim. Também confio na Virgem que a mamãe vai ficar bem com a gravidez dela. Então eu tenho que me comportar bem, é minha obrigação, fazer as tarefas e tentar diminuir minha letra. Espero que você tire boas notas em todas as provas. Você sabia que dia 12 de agosto foi aniversário do meu pai? Agora tenho que me despedir, ou então eu teria que pensar em mais coisas pra dizer e não sei mais o que escrever e a folha é pequena e minha letra é grande e gorda, e também não tem mais espaço.

Tchau, amiga Maldonado.

Espero que você goste da minha cartinha tão pequenininha.

Espero sua resposta.
Sua colega. ★

P.S. O que você me disse do Zúñiga é verdade. Mas eu só gosto do cabelo dele e dos olhos, porque o resto é preto e feio.